

# Recursos energéticos, espaço e desenvolvimento: acenos e desafios na Guiana

2ª Jornadas del CEUR  
Espacio, tecnología y acumulación:  
los senderos del desarrollo y sus límites



Autoria

Objetivos

Termos da abordagem

Resultados

**Lins, Hoyêdo Nunes**

Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil)

Professor dos Programas de Pós-Graduação em Economia e em Relações Internacionais

E-mail: hnlins55@gmail.com

A Guiana, país sul-americano com cerca de 800 mil habitantes – uns 30% dos quais instalados na capital, Georgetown – convive há alguns anos com as expectativas associadas à descoberta *offshore* de grandes reservas de petróleo e gás.

O que aqui se apresenta atende a um duplo objetivo. Primeiro, caracterizar o envolvimento da Guiana com a economia dos recursos energéticos, considerando os movimentos protagonizados. Segundo, derivar temas para uma agenda de pesquisa sobre essa experiência, ilustrativa de como pequenas economias são afetadas pela descoberta e exploração de importantes recursos naturais, notadamente energéticos.

Em 2015, a Exxon Mobil anunciou a descoberta de importantes quantidades de petróleo e gás na costa da Guiana. Para um país de muitas carências e economia modesta, os acenos são irresistíveis, pois se espera que as respectivas atividades repercutam no produto e em postos de trabalho e representem ingressos que amparem até investimentos sociais. As estruturas implicadas (extração, transporte) fazem pensar em “criação de espaço”, e os movimentos em curso sinalizam algum dinamismo econômico no litoral próximo das atividades de extração *offshore* (talvez em polos).

Esse assunto constitui tema de investigação relevante para quem se interessa pelo desenvolvimento – com seus reflexos socioespaciais – notadamente na América Latina. É o mínimo que se pode dizer perante previsões de que essa produção de petróleo logo atingirá quantidades que farão a antiga colônia britânica galgar degraus na hierarquia dos produtores latino-americanos ou mesmo mundiais.

O estudo envolveu pesquisa bibliográfica e documental. A motivação relacionou-se à participação do autor como docente e pesquisador nos Programas de Pós-Graduação em Economia e em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina. O que aqui se registra expressa os passos iniciais no tema, no âmbito de projeto de pesquisa mais abrangente e que já frutificou em outros estudos.

A produção petrolífera começou em 2019, com média de 1,2 mil barris diários (b/d), e cresceu notavelmente: 74,3 mil b/d em 2020 e 110,2 b/d em 2021, com projeções exponenciais. As exportações de petróleo se multiplicaram, entusiasmando o governo e instituições como o Banco Mundial, que ajuda a aprimorar o arcabouço institucional do país. Muitos recursos têm sido alocados, mas sob condições inusitadamente favoráveis às empresas estrangeiras.

Diferentes questões são suscitadas. Uma diz respeito às induções a partir do petróleo. Dinamização litorânea parece possível, mas o *hinterland* poderá ficar à margem. Outra refere-se a efeitos em educação, saúde ou transportes, fruto das exportações; isso evoca o problema da precária estrutura institucional para lidar com o quadro. Medidas importantes incluem a criação do *Natural Resource Fund*, alimentado pelos resultados, e a adoção de um Natural Resource Fund Act para regular o primeiro.

Tudo isso se mostra promissor, tanto quanto o *Guyana Petroleum Resources Governance and Management Project*, contemplando a promoção do conteúdo local no setor energético e o envolvimento de empresas e trabalhadores locais. Mas há ceticismo na população sobre os efeitos positivos em escala ampla, o que torna essencial impulsionar a diversificação da economia e a disseminação dos resultados.

Conclusões

A Guiana adentrou a geografia mundial da produção *offshore* de petróleo, sinalizando protagonismo ao menos na escala latino-americana. As manifestações e iniciativas a respeito são eloquentes sobre as expectativas. A exploração já impacta a paisagem, e também fala-se em efeitos que ressoam negativamente, como na pesca. Uma agenda de pesquisas sobre essa experiência incluiria temas como a possível indução de dinamismo pela economia dos recursos energéticos em outras atividades e setores, e a melhoria dos serviços públicos e infraestruturas pelas possibilidades financeiras criadas. Como assunto transversal, por implicar condição para realizações diversas, figura o aprimoramento institucional do país.

Tudo isso evoca a dimensão espacial do desenvolvimento, por envolver materialização de decisões e iniciativas de “produção de espaço”. Assim, a escalada da economia dos recursos energéticos na Guiana estaria a interpelar os formuladores e executores de políticas de desenvolvimento para que considerem simultaneamente os âmbitos setorial e espacial. O problema das desigualdades socioespaciais de desenvolvimento deveria influenciar decisivamente a definição de prioridades, com realce para as necessidades dos espaços interiores.

Mas as questões suscitadas pela experiência guianense não se esgotam no que se abordou. Nada foi dito sobre a dimensão externa. Esse plano abrigaria reflexão sobre o sentido do envolvimento de realidades semiperiféricas do capitalismo com atividades tão estratégicas como as energéticas, em situação dependente do grande capital globalizado, que impõe condições conforme os seus interesses. Também possuem relevo as relações com países vizinhos, como Suriname e Venezuela, com os quais a Guiana tem disputas. A bacia de recursos energéticos *offshore* é referida como Guiana-Suriname, e o segundo país já apresentou reivindicações, um assunto de natureza geopolítica. O mesmo vale para o crescimento, em si, da condição da Guiana como país petrolífero adjacente a uma Venezuela que se destaca nesses termos e com quem prolonga um complexo contencioso territorial.

Imagem

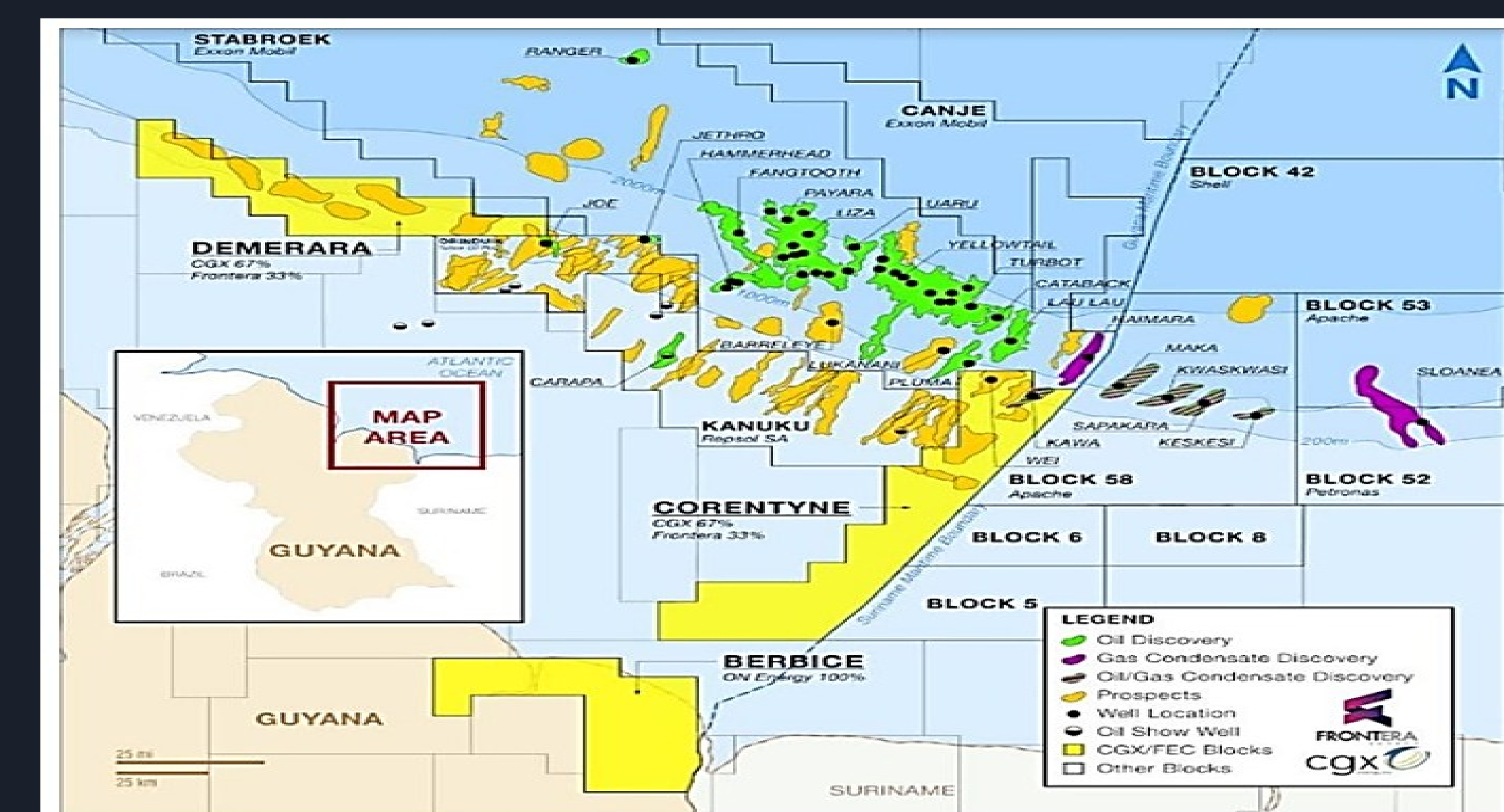


Fig. 1. Guiana: localização das atividades de exploração de petróleo

(primeiro semestre de 2022)

Fonte: Kulovic, N. (2022)